Maria Lamas: o despertar da mulher num percurso da escrita epistolar para a escrita pública

Ana Margarida Falcão
Ana Isabel Moniz
CIERL – Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais
Universidade da Madeira
anamoniz@uma.pt

RESUMO

Pretende-se, neste ensaio, apresentar correspondência inédita de Maria Lamas, directora da revista feminina "Modas & Bordados", que permite demonstrar a abertura de oportunidades que a jornalista conferia às jovens mulheres escritoras suas contemporâneas. Neste sentido, far-se-á referência à breve história de como uma das jovens colaboradoras da referida revista se tornou amiga de Maria Lamas, trocando correspondência da qual iremos apresentar uma carta inédita enviada à dita amiga, em Janeiro de 1962, aquando da prisão de seu irmão, Vassalo e Silva, último governador do Estado Português da Índia. São ainda apresentados exemplos de textos de dois números da "Revista Modas & Bordados", de Março de 1943, através dos quais Maria Lamas publica, de modo subtil, temas susceptíveis de serem cortados pela Comissão de Censura política da época, Este "modus operandi" revela a coragem e audácia da contribuição de Maria Lamas, como directora da Revista "Modas & Bordados", para a alteração de paradigmas do papel da mulher e da sua intervenção na sociedade dos anos quarenta.

Palavras-chave: ***Maria Lamas; correspondência inédita; defesa da mulher***

ABSTRACT

The presente short essay aims to present some unpublished correspondence signed by 40´s portuguese journalist Maria Lamas, director of the magazine for women entitled Modas & Bordados. We seek to show that her letters or cards show the main role Maria Lamas had while trusting the collaboration of young women writers in her magazine. As an example of that, refer will be made to a private letter she sent, twenty years after, to one of the young writers that she encouraged on 1943 and that became her friend for life. This letter was sent January 1962, when Maria Lamas´ brother, Vassalo e Silva (last governor of Índia as a Portuguese State) was made captive for political reasons. A few articles of two Modas & Bordados issues, from march 1943, will be a target in order to analyse the subtle and various ways that constitute Maria Lamas weapons against the cut by political Censorship Commission. This modus operandi reveal the courage and audacity of Maria Lamas´contribute, while Modas & Bordados´ magazine director, to the change of women role stereotyped paradigms, prevailing in the society of the 40s.

Keywords: ***Maria Lamas; umpublished correspondence; women defense***

Maria Lamas (1893-1983), mulher de cultura no exílio, foi pioneira do jornalismo feminino e do jornalismo de investigação em Portugal. Os seus princípios e opções editoriais como directora da Revista *Modas & Bordados*, separata semanal de *O Século*, demonstram a coragem e a habilidade com que conseguia publicar e divulgar alguns assuntos que, à época, eram proibidos pela censura e apenas discutidos em assembleias privadas. Por outro lado, alguma da sua correspondência privada inédita revela subterfúgios através dos quais falava de assuntos públicos sob a capa de confidencialidade que era característica da epistolografia. Deste modo, quase podemos dizer que as suas cartas já pré-anunciavam o regresso da epistolografia à ficção, numa oscilação retórica entre o factual e o ficcional, entre o esconder e o publicitar, ou entre *O Secreto e o Real*, como refere Paula Morão no título do seu ensaio (Morão, 2011), no qual, a dada altura, tece algumas considerações sobre a representação no literário como hipótese de solução ou, pelo menos, de equilíbrio, em relação às questões da imponderabilidade ficcional na qual poderá desdobrar-se a factualidade do mundo real.

Na sequência destas considerações (e porque os textos de Maria Lamas que iremos apresentar se situam entre 1942 e 1963, justamente no eixo temporal de cruciais mudanças sobre os conceitos de jornalismo e de epistolografia), gostaríamos de reflectir brevemente sobre o modo como estes têm vindo a evoluir na viragem para o século XXI, tanto na relação um com o outro como na relação, por exemplo, do íntimo com o privado. No último quartel do século XX e primeira década do século XXI, os modelos e códigos comportamentais, estejam eles ligados a questões sociopolíticas e económicas ou a questões de arte, estética, comportamento e gosto, caracterizam-se (que o diga a invasão pós-modernista), por um lado pela presença da heterogeneidade dos saberes e vivências acumulados e, por outro lado, pela possível e, até, desejada unicidade do heteróclito. Assim se cruzam, paroxisticamente, antíteses que convivem e existem através da sua interpenetração e mutabilidade, simultâneas e constantes. Assim aconteceu com as estratégias de "segredo *versus* divulgação" que, antes da época finissecular acima referida, eram características opositivas e diferenciadas do texto a apresentar ao público e do texto escrito privado, ou seja, a dinâmica destes conceitos afirma-se como uma espécie de recusa da passividade do passado em relação à sua influência no futuro, que se traduz como modelo comportamental hodierno.

Como afirma Francesco Alberoni, no capítulo vinte e um de *Público & Privado*,

"nas empresas fundamentadas na estaticidade todos temem quaisquer mudanças. Quando chega um novo director, ou um consultor externo encarregue de renovar, isolam-no, criam-lhe toda a casta de impedimentos (capitalismo) […]. Apenas nas empresas dinâmicas há verdadeira solidariedade, porque o indivíduo está pronto a aceitar os outros, a colaborar com eles, muitas vezes a mudar para fazer com que as coisas caminhem melhor.

> […] A cultura dinâmica é uma cultura da vontade, da acção. A cultura estática, da inércia e da reivindicação. […] A primeira leva ao sucesso, a segunda à decadência e à ruína" (Alberoni, 1989: 95 a 98).

O pensamento medieval, que concebia a política e a família subordinados ao fim divino, foi incapaz de compreender o abismo originário entre a esfera privada e a esfera pública. Segundo afirma Marco António Antunes, Hannah Arendt assegura que "no século XX, na sociedade de massas, a acção individual de afirmação de uma racionalidade discursiva foi absorvida por uma sociedade unitária que uniformizou o privado e o público através de uma supremacia do social" (Antunes, 2004: 7). Mais adiante, lamenta que "actualmente a conduta social da sociedade de massas, no seu esforço de promover o político e o privado a uma uniformização do comportamento consumista, tenha conduzido ao conformismo do social negando a pluralidade da discussão" (Antunes, 2004: 7).

Já em 1999, Anthony Giddens, no capítulo 4 do ensaio *O mundo na era da globalização*, ao abordar os efeitos desta nas pequenas comunidades e, até, nas famílias, coloca a questão da privatização daquilo que tradicionalmente era considerado público e do publicitar do que habitualmente é privado. Na sua reflexão, salienta a importância de salvaguardar a interacção da privacidade da família com a adesão pública e geral aos ditames globais. Considera, ainda, a necessária preservação da liberdade de ser, simultaneamente, um indivíduo que se auto define mas que concilia essa autonomia com os ditames da inserção na esfera pública comandada pela globalização: "Quanto a mim, voltava os argumentos da direita política contra ela própria" (Giddens, 2000: 67-68), afirma, acrescentando que o que torna mesmo possível as mudanças em direcção à abrangência da cultura e verdadeiro alcance da democratização, mais que qualquer

lei, é "a família tradicional" (Giddens, 2000: 67-68).

Gostaríamos de poder interpretar esta permuta, partilha, troca ou, até, interacção entre a escrita dirigida a uma comunidade e a escrita com destino pessoal ou familiar, como uma denúncia, não de materialização subjectiva de uma imposição vinda do mundo exterior ao sujeito, mas como o desejo de projecção da interioridade individual no mundo vivencial das experiências sociais e humanas, partindo das mais pessoais e íntimas para as mais sociais e gerais. Maria Lamas teve, ao longo da sua vida, a possibilidade de escolher entre estas duas atitudes. Dados os circunstancialismos políticos do salazarismo, escolheu, como subterfúgio para libertar a palavra, a infracção ao usual, ou seja, inserir a tradicional esfera privada na usual esfera pública da política, e vice-versa, tendo, por isso, sido a já referida "mulher de cultura no exílio", pioneira do jornalismo feminino e do jornalismo de investigação em Portugal, e lutadora, uma lutadora contra o fascismo que acabou por receber, no pós-salazarismo, a comenda da Ordem da Liberdade.

Passaremos, pois, a apresentar alguns documentos epistolográficos inéditos, bem como excertos de alguns números da revista *Modas e Bordados* que demonstram, os primeiros, no geral, o disfarce do que é interdito no domínio público pela sua presença quase ficcional ou codificada na escrita privada. Quanto aos segundos, sendo Maria Lamas directora da revista feminina, aproveita uma esfera, que era nessa época a da comunicação social, para inserir nela concepções modernas, e à época interditas, do âmbito privado da família, tais como o comportamento da mulher e o diálogo com os e as leitoras. Sendo ateia, reconhece, contudo, tal como Hannah Arendt, que "o bem comum [é] extensível à vida privada e à vida pública". Fazia questão, por exemplo, de responder pessoalmente aos jovens que com ela desejavam colaborar, como se verifica na carta em que contacta com Bernardete Falcão, que passaria a ser colaboradora da revista *Modas e Bordados* e com a qual viria a estabelecer, mais tarde, uma relação de amizade que manteria até à sua morte, pontuada por diversa correspondência e variadas vindas à Ilha da Madeira, onde, entretanto, Bernardete Falcão se radicara e onde Maria Lamas possuía fiéis amigos, entre os quais se contam os intelectuais Aníbal Trindade, César Pestana e a jornalista e editora Maria Mendonça, com quem trocava opiniões, curiosamente, mais culturais do que políticas.

Uma das primeiras cartas que Maria Lamas enviou a Bernardete Falcão, tinha esta dezassete anos e era Maria Lamas já directora da Revista *Modas & Bordados*, onde

assumia a responsabilidade de uma rubrica de correspondência, a secção "O Correio da Tia Filomena", que ocupava uma coluna na qual se opinava sobre as mulheres e a sua condição, particularmente em Portugal. Foi esta "Tia Filomena" quem primeiro incentivou Bernardete Falcão (então Bernardete Simões, apelido de solteira) a colaborar na *Modas & Bordados*, com a novela *Paulina* publicada em folhetim na secção "Histórias dos humildes", e do qual apresentamos o texto correspondente à Revista *Modas & Bordados*, nº 1621, de quarta-feira, 3 de Março de 1943:

MODAS & BORDADOS
VIDA FEMININA

HISTÓRIAS DOS HUMILDES

PAULINA

Novela de
BERNARDETE SIMÕES

— Eh! Paulina! Eh! rapariga! onde tens tu essa cabeça que nem dás pelas amigas? Estás na lua, pequena? Olha que não é bom sinal pensar na lua, quando o sol anda aí a aquecer essas terras que é um louvar a Deus!

E a tia Julia mostrava a bôca desdentada num sorriso bonacheirão, piscando os olhitos maliciosos, muito pequenos e vivos, para a rapariga, que a olhava com ar abatido.

— Que quere, tia Julia? A gente ás vezes distrai-se... Vim dar de comer ás galinhas e para aqui fiquei a pensar...

— Deixa-te disso, rapariga! A vida são dois dias!

— E bem tristes...

— Boa val ela! Não querem agora ver uma môça guapa e sádia a chorar as tristezas da vida! O menina, quando eu tinha a tua idade, quem é que me ouvia falar em tristezas? E mesmo hoje, já com os meus sessenta bem contados, ainda lhes sei fechar a porta com duas cantigas alegres.

E, fazendo um trejeito engraçado, a velha atravessou o caminho, sumindo-se no interior da sua casinha modesta.

Lá dentro, enquanto punha ao lume a panela com as couves, pôs-se a observar pela janela, através dos vidros enfumarados, a Paulina encostada á canela, com o milho para as galinhas no regaço do avental arrepanhado entre as mãos, a olhar lá para longe, com as faces pálidas, em atitude triste, cansada...

Uma lagrima tremeluziu nos olhos pequeninos da tia Julia...

— Ora aquele Joaquim das Hortas, para o que lhe havia de dar! Quere á fôrça casar a filha com o tio, já velho e tonto! Lá que êle tem bom dinheirinho, isso é verdade, mas a pequena tinha o seu mais-que-tudo... Raparigas novas! Também já passou por mim aquele santo tempo!

«E o velho está teimoso, está».

A tia Julia assoprou o lume, agitou as achas, agarrou na vassoura para varrer a casa e continuou o seu monólogo, meneando a cabeça com um expressivo arquear de sobrancelhas:

— Pobre Paulina! Era a flor da freguesia aquela môça! Parece que a estou a ver com o lenço da chita ao pescoço, loira como as espigas, córada como as papoilas, sempre a rir, sempre a cantar!

Mas aquele Joaquim das Hortas, em se lhe metendo uma coisa na cabeça, não há que fazer. E valha a verdade que não é para mal da rapariga. O tio José é rico, quere levá-la para a cidade...

Cantigas alegres, entremeadas com risadas frescas, interromperam o solilóquio da velha. Era um grupo de raparigas que vinha lavar roupa ao chafariz próximo.

Os rostos morenos, os olhos brilhantes, as blusas de chita garridas, pareciam gritar: «Vida, mais vida! Sol, mais sol!».

Por sôbre os muros a vinha espreitava, com suas fôlhas verdes, dum verde luminoso como a esperança que fazia bater os corações juvenis.

A tia Julia chegou á janela para as ver passar.

— Olá! Isso é que é gosar, raparigas! Quem tivesse a vossa idade! Mas, se for preciso uma cantiga das do meu tempo, ainda val, ainda val...

— Cante lá, tia Julia, cante para a gente ouvir!

— Era o que vocês queriam, suas atrevidas, para se rirem á minha custa. Nessa é que não caio eu! Toca a lavar a roupinha, que se faz tarde, e deixem-me em paz.

As raparigas partiram a caminho do chafariz e a tia Julia seguiu-as com o olhar bondoso e aquele sorriso complacente a iluminar-lhe o rosto de velha.

Contudo, o seu pensamento voou para a casita em frente onde morava Paulina.

Também ela costumava fazer parte daquele rancho barulhento. Mas, desde que o pai lhe falara na proposta do tio e a proibira de dar uma palavra ao Chico, passava os dias fechada em casa a consumir-se, a definhar.

De semblante carregado, a tia Julia pensava: podia lá ser uma coisa daquelas! Uma rapariga de 19 anos, amortalhada com constante amargura, ali entre quatro paredes, enquanto as da sua idade cantavam e riam ao sol. Não; ela, que a vida fazer, não consentiria tal, sempre que pudesse havia de lhe proporcionar umas horas de alegria.

Com esta idéia, acercou-se da porta e gritou a plenos pulmões:

— Ó Paulina! Paulina...!

A rapariga assomou á janela em frente.

(Continua)

QUANDO A TARDE VEM DESCENDO...

Novela de ODETTE PASSOS SAINT-MAURICE

E olhando, olhando aquelas lurentes iris confiantes, as pupilas onde via reflectido o seu rosto, iluminado por uma radiosa esperança, apreguntava-se, mentalmente, a sentir agudo remorso, se, lá muito dentro da sua alma, adoradora do mais sublime belo, não fôra aquela mulher, de peregrina formosura moral, a que êle amara sempre... com um amor tanto maior quanto sempre o ignorara.

Apaixonado, estendeu as mãos para as de Ester e, apertando-lhas, disse, brandamente:

— Querida... o passado morreu... e com êle a minha afeição áquela que a fatalidade tornou mãe desta criança...

— Helena?! — balbuciou ansiosamente a rapariga.

— Foi buscar junto de outro a felicidade que eu não podia dar-lhe... Desapareceu para sempre da minha vida!

— Oh!...

— E depois, num désastre de automovel... que os vitimou a ambos... ela finou-se... há um ano...

As mãos de Ester fugiram ás dêle, a taparem o rosto. Chorava.

Silencioso, depois de acarinhar o filho, que não compreendia bem o que se passava, êle deu dois passos, depois prendeu-a pelos pulsos.

— Ester... Basta de lagrimas... Já choramos bastante...

N.º 14

— Era minha, irmã...

— Bem sei; isso mais me provaria, se eu não o soubesse já, quanto vale um coração do quilate do teu... Mas já sofremos tanto... Não te aviso! mais cedo... Para quê? Queria cicatrizar bem a minha ferida... E, a-final, compreendo que não era necessario...

Os findos olhos, humidos de pranto, ergueram-se para os que os procuravam, avidos.

— Ester... fui cego durante muito tempo... mas recuperei a luz divina...

Hesitou, mas o verde puro daquelas iris findissimas falavam-lhe da esperança e êle teve coragem para prosseguir, vezmentemente:

— Ester... eu quero refazer a minha vida... Tenho direito a ser feliz... Agora, que há um sol no meu caminho, agora que sei... quanto te quis sempre... Esquece caro o êrro de não ter sabido ler em mim... Mas havia muito que o veu se rasgara... Quando tu vieste para aqui... A tua voz, o teu sorriso, os teus olhos — espelhos adoraveis do teu amor — tudo me fazia falta... E foi por isso que não morri... quando deixei Helena partir para outro... Amava-te! Ester... tu és tão boa... tão boa e pura!... Devo esperar o teu perdão?

Ester parecia não poder esquivar-se á imploração daquele olhar amado e, como num sonho, balbuciou, em voz suave, seguida num hino de graças:

— É tão tarde já...

— Tarde? Vê, minha Ester... vê... Olha como é findo êste poente onde o sol se esconde, cheio de côres, paleta maravilhosa que não tem rival nas próprias harmonias da alvorada... O dia que declina tem mais calor, mais fôrça — é vida a querer renovar-se! Ester, meu bem... Também na nossa vida a tarde vai descendo... Mas o ocaso será belo, radioso, sublime, iluminado pelo ruitio sol do nosso amor, entre nuvens de carinhos, num céu imenso de ventura...

O Marioninho colara ás mãos de bonboa, enlaçadas, a face cetinosa, como em pesarosa súplica.

E Ester... Ester era demasiadamente feita para poder recusar.

Sorria... sorria...

Então, de-vagarinho, Mario foi colher-lhe nos labios a suprema resposta.

— Meu amor!

FIM

Figura 1: *Paulina, in Revista Modas & Bordados, Nº 1621, 3 de Março de 1943*

Uma das primeiras cartas que Maria Lamas enviou a Bernardete Falcão, tinha esta dezassete anos, era Maria Lamas já directora da Revista *Modas & Bordados*, onde assumia a responsabilidade de uma rubrica de correspondência, a secção "O Correio da Tia Filomena", que ocupava uma coluna na qual se opinava sobre as mulheres e a sua condição, particularmente em Portugal.

Com o passar dos anos, as duas mulheres tornaram-se amigas e mantiveram espaçada mas regular correspondência, mesmo quando Maria Lamas foi impelida para o exílio. Bernardete Simões casou, indo morar para a Ilha da Madeira e adoptando já o apelido Falcão, de seu marido, tanto em publicações como em correspondência. Por seu lado, Maria Lamas deslocava-se frequentemente à Ilha, que considerava o seu reduto de descanso. Frequentemente, avisava os seus amigos das suas vindas a Portugal, ou à Madeira, através de um bilhete-postal aberto, mas no qual figurava quase que um "código" a partir do qual os amigos podiam prever as suas vindas, e tendo sempre o cuidado de falar de um modo velado e indirecto sobre preocupações que se relacionassem com a política ou com certos aspectos sociais, para não comprometer os amigos. Podemos verificá-lo no postal abaixo reproduzido e no qual a frase "Quer alguma coisa daqui?" indicava que se preparava para abandonar Paris, datado de 3 de Junho de 1962, no correio da Rue Cujas:

Figura 2: *Postal enviado de Paris por Maria Lamas a Bernardete Falcão*

O postal foi, pois, escrito cerca de um ano após o começo do exílio em Paris, iniciado em 1961, mas desempenhando ela a função de Membro do Conselho Mundial da Paz. É durante esse exílio de oito anos em Paris que Maria Lamas viria a conhecer Marguerite Yourcenar, de quem fizera traduções e com quem viajaria até à Madeira[1].

Estas datas coincidem com um período de grande tensão e desgosto na vida de Maria Lamas. Seu irmão, Manuel António Vassalo e Silva, tinha sido comandante geral das Forças Expedicionárias no Extremo Oriente após a 2.ª Grande Guerra, e era o último governador-geral de Goa, Damão e Diu. Quando viu milhares de autóctones de Goa avançar sobre as escassas tropas portuguesas que Salazar lá mantinha, contrariou as ordens vindas de Portugal e foi acusado de traição à Pátria. A carta de Maria Lamas, da qual de seguida reproduzimos *fac-simile* do envelope e um excerto, corresponde a este episódio, embora, como sempre fazia, referindo indirectamente e não mencionando nomes, como era sua regra para que a PIDE não pudesse ter testemunhos escritos que comprometessem os amigos.

Também como jornalista, e folheando ainda, a título exemplar, a Revista *Modas & Bordados*, nº 1621, de quarta-feira, 3 de Março de 1943, podemos encontrar textos que provam os modos como Maria Lamas dava oportunidade de publicação a outras mulheres, assim como dava a público o desenvolvimento de temas que posicionavam a mulher entre o público e o privado, como a rubrica "De semana a semana" e o correspondente texto deste número da revista, "A mulher na literatura, na arte e na vida", aqui assumindo textos críticos e informativos, como a crítica literária à poesia de Maria Isabel da Câmara Quental ou a divulgação de exposições e outros eventos. (Ver Figura nº 3)

Apresentamos ainda outro exemplo da mesma revista, o de um artigo que inclui entrevistas e cujo título, só por si, dá a ideia da intenção de Maria Lamas ao dirigir uma revista feminina: "A actividade intelectual ou artística feminina prejudica a vida doméstica?" (Ver Figura nº 4)

Como homenagem a esta grande lutadora e mulher da cultura, na comemoração do centenário do seu nascimento, o Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro apresentou uma exposição a partir da qual foi organizado, sob a direcção de sua neta Maria Leonor Machado de Sousa, um completíssimo catálogo intitulado *Maria Lamas,*

1 Maria Lamas traduziu Marguerite Yourcenar, 1983, *Memórias de Adriano* (2ª ed.), Lousã, Editora Ulisseia (ed. original Gallimard, 1974).

1893-1983[2], que contempla estudos introdutórios de Maria Antónia Fiadeiro e Alice Vieira e uma pesquisa biblio-iconográfica de manuscritos impressos e iconografia. Da "Apresentação" deste livro, feita por Maria Leonor Machado de Sousa, destacamos, a finalizar a nossa intervenção, dois parágrafos que, no nosso entender, resumem de um modo, ao mesmo tempo extremamente sensível e rigoroso, o percurso de vida de Maria Lamas: "A vida, a escrita e a política, tudo foram meios para denunciar injustiças e tentar repará-las, servindo um esforço a cuja violência nunca procurou fugir e da qual nunca se queixou. Foi nesta atitude que eu, a sua neta mais velha, me habituei a vê-la desde que me contava histórias, através do percurso longo que felizmente foi a sua vida. É-me grato que as circunstâncias se tenham proporcionado de modo a estar eu neste lugar[3] quando chegou a hora de lhe prestar a homenagem suscitada pelo seu centenário"[4].

2 Catálogo *Maria Lamas 1893-1983*, Lisboa, Presidência do Conselho de Ministros/Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1993.
3 Maria Leonor Machado de Sousa era Presidente do Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro aquando desta publicação, em 1993.
4 Catálogo *Maria Lamas 1893-1983*, 1993, p. 9.

MODAS & BORDADOS
• VIDA FEMININA •

DOCUMENTARIO DO PORTO

GRATIDÃO

Em homenagem às bondosas senhoras que no preterito dia 22 de Dezembro percorreram as ruas da cidade no peditorio público a favor dos estabelecimentos da A. T. N. P. e às que compõem a Liga Feminina de Auxilio aos Tuberculosos Pobres, promoveram as crianças internadas no Instituto Central e no Preventorio Belmiro Ribeiro dos Santos, num encantador gesto de gratidão, uma lindissima festa infantil. Essa, realizada no Instituto de Assistencia e Profilaxia Infantil, constou de recitativos, dansas e a representação de uma comédia, decorreu sempre no meio do maior entusiasmo.

ESCOLA OFICIAL N.º 35

Às estimadas professoras oficiais sr.as D. Margarida Sofia de Sousa e D. Alice A. Leite de Faria, que acabam de passar à situação de disponibilidade, para aposentação, promovido pelo corpo docente e na presença dos duzentos alunos, foi prestada, na Escola Oficial n.º 35, uma expressiva homenagem de simpatia, justissimo preito a quem durante 32 e 38 anos de magisterio devotadamente trabalhou pela sagrada causa da instrução.

A MAGA DO VIOLONCELO

O grande acontecimento artistico da segunda quinzena de Janeiro foi a apresentação de Guilhermina Suggia, acompanhada da Orquestra Sinfonica da Emissora Nacional, sob a regencia do notavel maestro inglês dr. Malcolm Sargent, no teatro Rivoli, em dois concertos promovidos pelo Circulo de Cultura Musical do Pôrto. O Pôrto inteiro vibrou com a arte sortilega da genial violoncelista, porque todo o Pôrto a escutou religiosamente, na elegante sala de espectaculos ou através do microfone, atento, comovido e deslumbrado, verdadeiramente suspenso do arco maravilhoso do seu maravilhoso «Stradivarius»!

Guilhermina Suggia

CONCÊRTO DE HOMENAGEM

No concêrto de homenagem ao reputado maestro Julio Camara tomaram parte as suas antigas alumas e actuais colaboradoras do Circulo de Arte Lirica do Club Fenianos Portuenses, D. Arnaldina Santos, D. Cecilia Couceiro, D. Madalena Abreu de Oliveira, D. Maria do Céu Pereira da Silva e D. Lidia de Alte, interpretando Mozart, Pucini, Verdi, Donizetti, Carlos Gomes, A. Gounod, A. Thomas e Mascagni, a perfeito contento do público. D. Arnaldina Santos, soprano lirico de merecimento, teve de bisar, entre vibrantes aplausos, a famosa «preghiera» do segundo acto da «Tôsca». D. Maria do Céu Neves, com a habitual proficiencia, fez os acompanhamentos ao piano.

GRUPO BEM-FAZER

No Salão Silva Pôrto, perante numerosa assistencia, foi distribuido mais um bôdo aos pobres protegidos pelo simpatico Grupo Bem-Fazer, bôdo que constou de generos e vestuario. As senhoras componentes da comissão organizadora, damas

(Continua na pág. 10)

DE SEMANA A SEMANA

A mulher na literatura, na arte e na vida

LIVROS

OS SONETOS E OUTROS POEMAS, de *Maria Isabel da Camara Quental*

«Versos da mocidade e da velhice», que a autora dedica a seus filhos, êste livro é a afirmação de um notavel talento poetico e de uma sensibilidade delicadissima de mulher.

D. Maria Isabel da Camara Quental, figura de destaque na sociedade micaelense, aparentada com as mais distintas familias da ilha de S. Miguel, tem vivido sempre presa a um sonho de beleza, que transparece nos seus versos, perfeitos de forma e vibrantes como a sua propria alma.

Neste volume, de aspecto sobrio e elegante, que contém cêrca de cento e cinquenta poesias, perpassam os seus sonhos da mocidade, o seu amor fervoroso pelo marido e pelos filhos, as suas dores ansiedades e esperanças, a sua infinda saudade por aqueles que foram partindo para a grande viagem que não tem regresso. Há tanta beleza, tanta ternura e elevação moral nestas páginas, que bem podemos considerá-lo um documento preciosissimo, o reflexo de uma alma excepcional, que fez da vida um cantico de amor, mesmo quando a dôr a feria, implacavelmente.

Alheia a exibições literarias e a vaidades mesquinhas, no ambiente tranquilo do seu lar, D. Maria Isabel da Camara Quental, tôda dedicação e carinho pelos seus, foi sentindo, sonhando e escrevendo estas pequenas obras-primas, que são os seus sonetos, com o mesmo jeito amoroso e bom com que sorria aos filhos. Assim, os seus versos confundem-se com a sua propria vida, formando um poema maravilhoso e raro.

O nome de Maria Isabel da Camara Quental fica bem entre o dos maiores poetas portugueses contemporaneos. O seu lirismo e suavidade, a sua expressão profundamente sincera e femin'na tornam-na inconfundivel. Ainda bem que se decidiu a reünir em volume as poesias que acompanham, por assim dizer, a sua própria vida e que as mulheres portuguesas hão-de ler comovidamente, como se lê um breviario de amor e saudade.

EXPOSIÇÕES

Marie Louise Rothes expôs, na Sociedade Nacional de Belas Artes, uma série interessantissima de paisagens do Norte e alguns quadros de flores.

Trata-se de uma artista cheia de qualidades, que imprime aos seus trabalhos uma grande suavidade, pintando em tons leves, esbatidos, como que velados de sonho.

Se continuar trabalhando, alcançará, sem dúvida, uma perfeição que lhe dará uma categoria elevada na arte portuguesa contemporanea.

Helene Beauvoir é uma artista estranha que transmite às suas obras a sua propria exaltação interior. Os quadros que expõe agora no Secretariado de Propaganda Nacional impressionam pela beleza, afirmando a personalidade inconfundivel da autora.

Foi no Algarve que Helene Beauvoir colheu alguns dos mais interessantes motivos dos seus trabalhos, interpretando conforme o seu temperamento artistico a luz daquela formosa provincia. É possivel que nem todos concordem com «a maneira» desta pintora estuante de mocidade, mas todos, sem dúvida, reconhecerão o seu invulgar talento.

(Continua na página 11)

Figura 3: *Rubrica "De semana a semana" de Maria Lamas, in Revista Modas & Bordados, Nº 1621, 3 de Março de 1943.*

A actividade intelectual ou artistica feminina prejudica a vida doméstica?

O que me disseram as mulheres intelectuais e artistas da minha terra

SEMPRE se discutiu—e agora, que a mulher cada vez mais invade as esferas de acção masculina com maior intensidade—as desvantagens do labor extra-doméstico.

Alguns homens, por temperamento proprio e até por uma pequenina ponta de emulação mal disfarçada, reprovam absolutamente a entrada da mulher nos caminhos masculinos. Outros, com um pé no século passado favoravel á sombra recatada dos gineceus e outro nesta nossa epoca, paladina de tôdas as audacias, vêem com indiferença, se não com alguma indulgencia, a mulher desempenhar-se galhardamente das profissões mais compativeis com o seu sexo. Outros ainda, os companheiros da Eva moderna, acolhem com um sorriso de camaradas aquela que lhe toma o passo nos consultorios, nas escolas, nas secretarias e nos variados empregos que andam por aí alcandorados a vertiginosas alturas.

«Que não só a mulher empregada, como a intelectual ou artista, fatalmente descuram o lar», gritam uns indignadamente. «Que não faz nada que preste cá fora», afirmam outros. «Que, se quere ser homem, então como tal seja tratada», decretam os mais indulgentes—os camaradas.

E, a-final, quem tem razão? Corre, defacto, o lar, o santuario do amor de familia, o perigo de se desagregar surdamente, em virtude da deserção da mulher, ou pelo facto de ela se dedicar ás letras ou á arte? Quem poderá dizer a verdade?

Até hoje creio não ter sido costume condenar um acusado sem ouvir as suas razões.

Quem melhor as conhecerá do que a mulher, neste caso, a ré condenada sem defesa? Ela que venha, pois, dizer da sua justiça. Várias senhoras dirão nestas páginas ás nossas leitoras se uma funcionária pública, uma professora, uma advogada, uma médica, uma poetisa, etc., poderão ou não ser boas donas de casa.

*

É Nita Lupi, colaboradora muito querida da nossa revista, quem abre êste inquerito. Nita Lupi é uma velha amiga que, desde os doze anos (tão precoce foi a sua sensibilidade artistica) envia a «Modas & Bordados» aqueles seus sonetos de tão puro recorte, de tão sádia e clara inspiração... É, além disso, uma admiravel cantora, de deliciosa voz e profunda emotividade. Nita Lupi é, pois, uma artista, mas é também uma mulher de lar; por isso, a sua opinião interessa sobremaneira.

A sua presença encanta. Simples, afavel, aliciante como uma rapariguinha de dezóito anos que tivesse a vida fechada na mão.

Confessa-nos modestamente:

—Nada sirito em mim que seja digno da sua entrevista...

Mas nós temos outra opinião, e preguntamos-lhe:

—Acha que a intelectualidade da mulher pode constituir um perigo para o lar?

—De maneira nenhuma. Creio mesmo que deve ser muito mais agradavel para um homem inteligente viver ao lado duma mulher que o compreenda e que saiba educar os seus filhos. A meu ver, uma das grandes ameaças do actual problema da familia não é o desenvolvimento intelectual da mulher, mas sim a falta de preparação da maioria das raparigas que casam. A mulher que se propõe tomar a responsabilidade de um lar precisa de estar em contacto com todos os segredos da vida doméstica. Compete às mães a responsabilidade neste assunto—quer ela seja uma intelectual, quer simplesmente uma mulher de sociedade.

Nita Lupi

Nita Lupi, senhôra da sociedade, poetisa e cantora, conhece também todos os segredos de culinaria

★

Na sua casa de campo, Nita Lupi gosta de viver em contacto com a natureza e dedica especial carinho aos animais

«Os homens gostam de ver a casa em ordem e de comer bem. É preciso que o homem encontre na sua casa o verdadeiro confôrto. Há tempo, um jornal da America fêz um inquerito para saber qual seria a maneira mais simples para a mulher prender o marido no lar. Entre milhões de concorrentes teve a aprovação do juri esta resposta de uma escritora célebre: «Dando de comer ao bruto». Sou da mesma opinião; simplesmente, devo acrescentar ainda: «Dando de comer ao bruto com elegancia e economia».

Damos razão a Nita Lupi, e preguntamos:

—Mas poderá a mulher que está empregada ou que se entrega a trabalhos literarios ocupar-se do magno problema da culinaria?

—É claro, se a mulher tiver a vida organizada fora do lar, não poderá ela propria encarregar-se disso, mas se a sua actividade fôr do genero da minha—cantar e escrever—nada a impedirá de fazer como eu: ir para a cozinha preparar as refeições de todos os dias.

«Deixe falar as que dizem não ter tempo; é porque não querem ou não sabem. Com boa vontade, inteligencia (quanto mais inteligente for a mulher mais facilmente triunfará neste e em todos os campos) e uma vida metodicamente organizada, qualquer dona de casa, que tenha outras actividades, gerirá o seu lar tão perfeitamente como outra que apenas pense nas quatro paredes que a abrigam.

«Não se deve atribuir á arte ou á literatura culpas que muitas vezes são propriamente da mulher e não dos campos que cultiva. Quantas mulheres, que não são intelectuais, têm a sua casa que é uma desgraça! Perde-se muito mais tempo na vida de sociedade, tôda ou quási tôda de frivolidades, do que nessa outra, mais profunda, orientada pela sensibilidade e pela inteligencia.

—Tem razão; mulheres que nada fazem é que são para condenar.

Mas Nita Lupi, espirito cheio de beleza e de inteligencia, atalha vivamente:

—Note que também essas são necessarias. São elas que alimentam as indústrias de luxo e todo um pessoal laborioso e anonimo que vive para as servir.

—Mas disse-me há pouco que fazia as refeições de todos os dias...

(Continua na pág. 10)

Figura 4: *Artigo de Maria Lamas na Revista Modas & Bordados, Nº 1621, 3 de Março de 1943*

BIBLIOGRAFIA

Alberoni, Francesco, 1989, *Público & Privado*, Lisboa, Bertrand Editora.

Arendt, Hannah, 1997, *A Condição Humana,* Rio de Janeiro, Forense Universitária, 8ª edição revista.

Giddens, Anthony, 2000, *O mundo na era da globalização,* Lisboa, Editorial Presença.

Lamas, Maria, 1948, *As Mulheres do meu País*, Funchal, Editorial Eco do Funchal.

Lamas, Maria, 1952, *A Mulher no Mundo*, Funchal, Editorial Eco do Funchal.

Lamas, Maria, 1956, *Arquipélago da Madeira*, Funchal, Editorial Eco do Funchal.

Morão, Paula, 2011, *O Secreto e o Real,* Lisboa, Editora Campo da Comunicação.

Cartas de *Maria Lamas e fac-similes* com autorização da destinatária e possuidora do espólio.

1993, *Catálogo Maria Lamas 1893-1983,* Lisboa, Presidência do Conselho de Ministros/ Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro,

Cronologia de Maria Lamas, organizada pela filha Maria Cândida Vassalo e Silva da Cunha Lamas Caeiro, em 2002, e inserida na edição do mesmo ano da Editorial Caminho de As Mulheres do meu País.

WEBGRAFIA

Antunes, Marco António, 2004, "O Público e Privado em Hannah Arendt", http://www.bocc.ubi.pt/pag/antunes-marco-publico-privado.pdf, pp. 5-7 (consultado a 3 de Junho de 2015).